

Mas o professor nunca mais foi o mesmo. Se era de poucas palavras, mais calado ficou. Se já era desconfiado, mais desconfiado ficou. Com uma diferença: dava a impressão de ter-se tornado um homem assustado, que olhava para os lados, desconfiado, sem motivo aparente. Uma buzina de carro na rua, uma sirene de bombeiro ou de ambulância, e ele se assustava, deixava cair da mão o lápis e a lupa.

A "descoberta" do professor tinha sido feita numa terça-feira, à tarde. Ele ficou em casa o resto da semana, mais o sábado e o domingo. Durante todos esses dias, mesmo com febre, o professor Waldirez teve força suficiente para escrever mais de vinte páginas, numa espécie de diário com anotações muito pouco científicas, mas no mesmo estilo conciso, muito seco, sem enfeites. Só escrevia o estritamente essencial. "Deixo os adjetivos para os poetas" – costumava dizer.

Alguns extratos do diário do professor, durante esses cinco dias

"O códice 1358 sempre me preocupou. Faz cinco anos que o vi, pela primeira vez, num pacote de manuscritos com o carimbo da *Real Bibliotheca* de Lisboa. Não tem data. Mas, pelo estilo, pela grafia, é bem anterior ao século XIX. Entretanto, os fatos que relata parecem posteriores, mais recentes... Isso acontece.

"Impossível ler o códice por inteiro. Parece formar uma história, com começo, meio e fim. Algo de muito macabro. Muito erotismo. Mas não se deixa desvendar. No melhor da história, ele é interrompido. Páginas rasgadas. Como não são numeradas, impossível saber quantas faltam. Parecem rasgadas de propósito, pois são destruídas em momentos certos da narração. Parece que alguém leu e não gostou. Ou teve medo. Por que não rasgou tudo e não queimou o que tinha rasgado? Imagino: ia rasgar e queimar tudo, mas alguém entrou na sala, de repente...

.

"Interessante: a pessoa que censurou o manuscrito, se é que existiu mesmo censura, não somente rasgou as últimas páginas